

Por terras nunca antes visitadas: os Franciscanos no Sudeste Asiático antes de 1500

Vitor Gomes Teixeira *

Ao longo da Baixa Idade Média, os Mongóis constituíram sempre uma séria ameaça à Europa e à Cristandade. Perseguindo formas de entendimento propiciadoras de um clima de paz comercialmente proveitoso, para além de se tentar introduzir missionários na Ásia Central, a Europa cristã procurou com regularidade firmar contactos políticos com os poderes Mongóis. Inúteis, no entanto, excepto quando se dirigiam para o grande Khan em pessoa. Representado pelo mundo europeu medieval como um grande e temível imperador de um povo «belicoso», o domínio político mongol estendia-se a toda a Sibéria e ao Altai, à Mongólia e ao deserto de Gobi, incluindo mesmo quase toda a China, tocando já no mar Cáspio e, nos períodos de maior expansão, nos Urais, a Ocidente. Cerca de 1230, o império Mongol abrangia um território situado entre a Coreia e a Pérsia (Irão), preparando a conquista da China meridional. Por isso, a Europa medieval «tremia e rezava», como se escrevia em muitas crónicas, textos religiosos e declarações políticas. O império do grande mongol foi-se estruturando com firmeza, erguendo a sua nova capital em Khanbaliq (actual Pequim, na República Popular da China) e centralizando os poderes na figura imperial, cuja frequência obrigava a quem o quisesse entrevistar a deslocar-se até àquelas longínquas terras, do lado de onde o Sol nascia. Diplomacia difícil e morosa para as realezas europeias medievais, mergulhadas num clima de medos e incertezas sempre que a fronteira ocidental do Grande Khan tendia para Ocidente.

Aos frágeis contactos políticos e diplomáticos europeus, fragmentários e ocasionais, devem somar-se algumas tentativas de, sob a capa da fé, se fundarem outras aproximações ao Grande Khan da Mongólia. Esta comunicação de carácter religioso ou, mais rigorosamente, tentada por alguns religiosos, convocava antigas crenças e tradições difundidas em alguns espaços da cristandade medieval recordando, entre ficções hagiográficas e mitos «evangélicos», a existência de um reino cristão algures nas profundezas da Ásia, um reino resistindo aos estados muçulmanos ou pagãos asiáticos. As derrotas dos «mouros» da Ásia às mãos dos «povos do Cataio» que formavam esse perdido reino cristão eram, por vezes, difundidas em textos e lendas religiosos que circulavam na Europa medieval. Alimentavam a ideia de que esses povos cristãos – ou não-muçulmanos, pelo menos – podiam mesmo ajudar nos esforços da Europa para libertar a Terra Santa do jugo islâmico. Há um fundo de verdade nestas lendas entre ideários de cruzada e aventuras religiosas: existiam cristãos na Ásia Central, como na Índia ou na China, desde os alvares do Cristianismo: apresentados como «nestorianos» no primeiro caso, ditos de S. Tomé no segundo, mas maioritariamente de ritos sírio-orientais¹. Daí a existência de alguns pontos de referência espiritual e de apoio a viagens de religiosos em diversas regiões da Ásia, existindo também alguns destacados membros da hierarquia mongol que eram cristãos,

* Universidade Católica Portuguesa.

¹ A principal Igreja cristã que se expande no mundo asiático até à China é a Igreja síria oriental, por vezes incorrectamente designada por «nestoriana», expandindo-se pela Ásia sobretudo através da Pérsia. Por volta de 635, esta Igreja chega a Chang'an, a capital da dinastia Tang. Depois de um demorado período de «declínio», acantonada a espaços limitados no Sul da China, esta Igreja haveria de ser novamente tolerada e frequentada durante o reinado da dinastia Yuan, sob domínio mongol, ao longo do século XIII (UHALLEY JR., Stephen e WU, Xiaoxin (eds.), *China and Christianity*, New York, 2001, pp. 11-15).

o que facilitava os contactos com os Khans. Por outro lado, os Mongóis, depois de todo um conjunto de conquistas a partir do século XI, criaram uma unidade geopolítica entre o mar Cáspio e o oceano Pacífico, todo um território sob uma única autoridade e, por isso, mais “fácil” de “visitar”. Neste âmbito, criou-se também como que uma *pax mongolica* a partir dessa uniformidade política e militar na Ásia, firmando segurança, tolerância e abertura comercial. Trata-se do período que explica as visitas mercantis, como a efectuada por Marco Polo, ou religiosas, como as dos franciscanos Giovanni da Pian del Carpine, na década de quarenta do século XIII, Willelm Rübriick, poucos anos depois, e Giovanni da Montecorvino, na última década de Duzentos². Não se deverá esquecer também o esforço missionário anónimo dos franciscanos na Arménia, Pérsia e região do Cáspio logo no século XIII, instalando comunidades religiosas que apoiariam viagens posteriores à Ásia Central ou, ainda mais longe, em direcção à Índia e Insulíndia.

A partir de 1368, data em que chegam os Ming à China e se encerra o domínio mongol nesse território, as visitas de ocidentais com fins religiosos, comerciais e políticos tornam-se mais difíceis e raras. Os Ming dissolveram praticamente tudo o que os Mongóis fizeram ou protegeram em matéria religiosa, incluindo as dioceses e comunidades cristãs organizadas. Desapareceu o bispado de Khanbaliq, por exemplo, e o projecto do patriarcado do Oriente. Os franciscanos que circundavam a corte do Grande Khan tiveram de fugir, acompanhando os Mongóis na sua retirada em 1368. O Cataio passava a ser definitivamente uma lenda, uma terra perdida ou oculta com comunidades cristãs e riquezas por explorar, cuja memória haveria de ser restaurada alguns séculos depois com a expansão portuguesa e, principalmente, a missão quinhentista dos Jesuítas.

Foi a partir do cenário político dos séculos XII e XIII que se empreenderam, na Baixa Idade Média, algumas outras viagens de Franciscanos ao Extremo Oriente, desta vez para latitudes mais meridionais e evitando o coração da dinastia Ming da China. A Ásia Meridional, com destaque para a sua região Sudeste, passou a ter um protagonismo que nunca antes tivera, ainda que não se possam estabelecer comparações com a anterior ligação dos Franciscanos à Rota da Seda na Ásia Central e respectivas comunidades cristãs por eles animadas, mesmo junto do centro nevrálgico dos Mongóis. As principais vias de acesso à Ásia a partir da Europa eram duas: uma terrestre, outra marítima. A terrestre partia da Crimeia, contornava a margem norte do mar Cáspio, a Tartária, seguindo depois para o Pamir, alcançava a China através do passo de Karakorum (actual Afeganistão Oriental) e seguia depois para Khanbaliq. Era uma via caravaneira, utilizada já por Carpine, Rübriick e Marco Polo. Montecorvino sobre ela assim escreveu: “... é a via mais segura e mais rápida, podendo ser feita em cinco ou seis meses. Não é, todavia, sempre aconselhável, devido às guerras contínuas”. A via do mar era relativamente mais fácil e menos onerosa: partia da Pérsia para a Índia, Ceilão, onde chegavam por vezes juncos chineses e se faziam trocas com comerciantes do Extremo Oriente. Mas não era uma rota livre de perigos: desprovidos de bússolas e recorrendo apenas à cabotagem, os navios enfrentavam não só ciclones e outros perigos naturais, como também piratas ou ataques de populações locais junto à costa. Por exemplo, a família Polo partiu de Zaitun, em frente à ilha de Taiwan, então a porta marítima da China meridional, com catorze grandes navios de quatro mastros e doze velas, dos quais chegaram a Ormuz apenas 10³.

Com Montecorvino (n. 1247 – †1329) – o “primeiro missionário católico na China”, como diz Juan Gil⁴ – começou-se gradualmente a privilegiar as rotas marítimas em lugar das terrestres.

² O melhor trabalho actual de publicação e estudo destes textos de viagem medieval na Ásia encontra-se no trabalho referencial de Juan GIL, *La India y el Catay. Textos de la Antigüedad Clásica y del Medievo occidental*, Madrid: Alianza Universidad, 1995. Uma boa edição mais antiga das cartas de Montecorvino encontra-se em WIJNGAERT, Anastasius van den, OFM – *Sínica Franciscana*, vol. I, Quaracchi, 1929.

³ Sobre estas dificuldades de viajar na Ásia por terra ou por mar, cf. GIL, Juan – *op. cit.*, pp. 109-113 e 117-122.

⁴ GIL – *op. cit.*, p. 385.

Montecorvino partiu de Ormuz, na Pérsia, em 1291, tocou depois na Índia (pregou em Kowloon e residiu algum tempo em Meliapore⁵), onde se deteve treze meses, assegurando depois a passagem para o seu destino a bordo de um navio – tinha como companhia Fr. Nicolau, OFM, e um mercador de nome Pedro de Lucalongo – que o levou até Takkola (ou Takuapa), no istmo de Kra, na península Malaia (ou atravessando directamente o golfo de Bengala ou contornando a costa pela Birmânia e Tailândia ocidental). Depois de o atravessar, tomou outro barco, com que contornou o delta do rio Mekong, em Funan (sul do actual Vietname), seguindo ao largo de Champa (ao largo de Da Nang), Hainan até entrar no rio das Pérolas e aportar em Cantão, contornando de seguida a costa chinesa até ao porto de Zaitun, por onde terá depois para o interior da China, chegando a Pequim talvez em 1294, já depois da morte de Kublai Khan.

Ter-se-á cruzado com Marco Polo, que regressava então de Zaitun, local para onde se dirigia o franciscano? Como se afere desta breve descrição do itinerário de Montecorvino, a Insulíndia não fazia então parte das rotas marítimas frequentadas no século XIV para quem vinha da Índia ou da Pérsia. Permanecia ainda uma região quase desconhecida dos europeus, ainda que alguns cristãos (Armênios, Jacobitas, Persas ...) a tivessem visitado até 1500⁶. Todavia, é provável que Montecorvino pudesse ter visitado alguma ilha da Indonésia, nomeadamente Sumatra ou Java, as que se apresentam geograficamente mais próximas da rota do Sudeste Asiático em direcção à China. Na sua estadia de treze meses na Índia, procurou seguramente tomar conhecimento das culturas, povos e regiões não só da China como também da parte oriental do oceano Índico, terras que os indianos e os mercadores muçulmanos contactavam assiduamente e das quais não faltariam notícias. O navio em que viajou para a China era ao que tudo indica mercante, e não seria de todo estranho que não tivesse aportado e talvez descarregado – ou carregado produtos e mantimentos – em algum porto do actual arquipélago da Indonésia. Pode também Montecorvino ter trocado de navio em qualquer um desses portos⁷, como sucedia nestas viagens de longo curso em que se utilizavam navios mercantes como transporte. Não deveremos esquecer o facto de Montecorvino se ter tornado posteriormente – esteve no Oriente mais de 35 anos... – arcebispo de Khanbaliq (Pequim) e Patriarca do Oriente (nomeação em 1307, de Clemente V, embora só tenha recebido as letras papais em 1310, das mãos de três franciscanos enviados pelo papa, de um grupo de sete⁸, que seriam os seus bispos sufragâneos). Este Patriarcado abrangia todo o Oriente, incluindo o arquipélago indonésio⁹. Relativamente à viagem daqueles frades-bispos e às suas desventuras em demanda do Extremo Oriente nada se sabe, apenas que lá chegaram aqueles três com a bula papal. Por onde viajaram, que rotas marítimas ou terrestres perseguiram, não se sabe.

Entretanto, antes do fim do domínio mongol da China em 1368, outros frades demandaram aquele país em missão, por terra e por mar¹⁰. Por mar alguns houve que se aventuraram para além das rotas tradicionais e terão tocado em regiões ainda quase desconhecidas dos europeus. Entre essas terras conta-se a parte meridional da península malaia e toda a Insulíndia, de

⁵ Ibidem. Em Meliapore faleceu o seu confrade, Fr. Nicolau.

⁶ Sobre a presença de cristãos na Ásia até à chegada dos portugueses, é sugestiva a obra de GILLMAN, Ian e KLIMKEIT, Hans-Joachim – *Christians in Asia before 1500*, Richmond: Curzon Press, 1999.

⁷ MEERSMAN, Achilles, OFM – *The Franciscans in the Indonesian Archipelago*, Lovaina: Nauwelaerts, 1967.

⁸ LOMBARDI, Teodosio, OFM – *Storia del Francescanesimo*, Pádua: Ed. Messagero, 1980, p. 157. Clemente V assim se referiu acerca de Montecorvino na sua bula: “ele, Giovanni, Frade Menor, dotado de ciência, de religiosa piedade, de pureza de vida, de santos costumes e de todas as outras virtudes”.

⁹ MEERSMAN, Achilles, OFM – *The Origin of the Latin Hierarchy in India*, in “The Clergy Monthly” (Kurseong, Índia), Suplemento, 1960, pp. 67-78.

¹⁰ Conhecem-se, por exemplo, os padres franciscanos Gerardo, André e Pelegrino (italianos), que estiveram em Khanbaliq entre 1309 e 1313, bispos que consagraram Fr. João de Montecorvino arcebispo de Pequim e Patriarca do Oriente. Depois desses frades, não mais outros franciscanos deixaram de demandar o Extremo Oriente em missão. Cf. GIL, Juan – *op. cit.*, p. 386.

Sumatra à Nova Guiné e às Filipinas, de Bornéu a Timor. Todavia apenas se conhecem dois fra- des que terão tocado em terras da Insulíndia que nos legaram escritos os seus relatos e impres- sões das viagens.

O primeiro viajante franciscano a visitar seguramente ilhas da actual Indonésia (Sumatra, Java), foi o Beato Odorico de Pordenone (n. c. 1286 - † 1331¹¹), entre 1321 e 1324. Odorico de Pordenone aportou em ilhas da actual Indonésia quando seguia para a China: segundo o seu relatório¹², terá visitado três ilhas, Sumatra, Java e Bornéu¹³. Acidentalmente, e tanto quanto se sabe, terá sido¹⁴ o primeiro europeu a visitar Bornéu¹⁵. O seu périplo indonésio terá ocorrido entre 1323 e 1324¹⁶, quando vinha de Thana (onde chegou talvez em 1321-22), aí recolhendo as relíquias de de franciscanos mortos nesta cidade indiana), junto a Bombaim. Seguiu então para Cananor, Cranganor, Kowloon, Ceilão, Madrasta e depois Meliapore, alcançando depois Sumatra. Neste itinerário desviou-se das rotas tradicionais dos europeus para a China (por Takkola, em Kra, atravessando a pé até Pak Phanang) e terá seguido a dos mercadores persas e muçulmanos que demandavam a Insulíndia a partir de Ceilão ou do sub-contidente indiano. De facto, em vez de contornar toda a costa do golfo de Bengala até ao istmo de Kra atravessou directamente de Ceilão ou de Meliapore até às ilhas de Nicobar e de Andaman, flectindo depois para Takkola (no referido istmo), tendo chegado àquelas ilhas, Pordenone seguiu para sudeste ao longo do Estreito de Malaca, entre Sumatra e a Malásia, visitando aquelas três grandes ilhas indonésias antes de tomar o rumo do mar da China Meridional até Cantão e depois para Zaitun e daí para o interior.

Foi ele o primeiro autor europeu a usar também o nome de “Sumatra” para designar aque- la ilha indonésia, apesar de se ter a ela referido como “Sumoltra”, ainda que este designativo não tivesse sido aplicado a toda a ilha mas apenas a um reino no seu Noroeste. Sumatra foi, de facto, a primeira ilha indonésia que avistou. Segundo as suas próprias palavras, o navio em que seguia terá entrado na baía de Lamori, localidade que muitos identificam com a actual Banda Atjeh ou Aceh (ou *Achim*). Posteriormente, depois de seguir pela costa oriental de Sumatra, em frente à península Malaia, foi o frade aportar no litoral setentrional da ilha de Java. Descreveu o que viu naquela ilha¹⁷ de forma concreta e sóbria, referindo ser aquela região a mais fértil e próspera que tinha visto desde a Índia. Provavelmente, o frade terá feito algumas incursões nesta ilha, contactando com a realidade agrícola e com as capacidades produtivas das populações, o que o levou a fazer tal comentário. No capítulo XIV do seu *Relato*, Odorico chega mesmo a referir-se à existência de um rei supremo em Java, suserano de outros sete reinos vassallos (não há aqui simbologia numérica bíblica ou apocalíptica, não teria este frade uma formação joa- quimita?). Descreveu ainda os principais produtos da ilha e a fonte da sua riqueza e prosperi- dade. A relação¹⁸ deixada por Odorico da Pordenone acerca das suas viagens e as suas impressões constituem, a par de outros viajantes, a principal fonte das mais antigas e seguras informações

¹¹ Beatificado em 2 de Julho de 1755 por Bento XIV.

¹² GOLUBOVITCH, Girolamo – *Biblioteca Bio-Bibliographica della Terra Santa e dell’Oriente Franciscano*, vol. III, Quaracchi, 1919, p. 390. Este relato foi traduzido para castelhano publicado em GIL, Juan – *op. cit.*, pp. 433 – 509, com introdução e notas críticas e de apoio à leitura.

¹³ Tem-se dito muitas vezes também que terá mesmo visitado as Molucas, mas ainda não se apurou se tal terá sucedido. Cf. GIL, Juan, *op. cit.*, p. 433, referindo-se a T. Domenichelli, *Sopra la vita e i viaggi del B. Odorico Pordenone*, Prato, 1881, onde se alude a essa possibilidade. Juan Gil, em nota de rodapé, adianta que “tudo depen- de da identificação que se faça da ilha de *Patén*.”

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ MEERSMAN – *The Franciscans in the Indonesian Archipelago*, p. 17.

¹⁶ De acordo com estudo de STOKMAN, Sigfridus, OFM – *De eerste Missionarissen van Borneo*, “Historisch Tijdschrift”, 7 (1928), Tilburg, 1921, p. 347.

¹⁷ Sobre a relação da viagem de Odorico, cf. também uma edição crítica do seu *Itinerarium* em WIJNGAERT, Anastasius van den, OFM – *Sinica Franciscana*, vol. I, p. 381 e ss.. Para esta nota, cf. p. 446.

¹⁸ WIJNGAERT – *Op. cit.*, p. 445.

sobre o Extremo Oriente durante a Idade Média. Odorico refere mesmo, e objectivamente, o quanto poderia interessar o seu relato tanto a religiosos como a seculares, principalmente aos segundos, pois as notícias maravilhosas eram em maior número que as de carácter pio. Fala assim do comércio, das riquezas do Extremo Oriente, nunca se referindo a si próprio ou nunca se preocupando em dar fama ao seu nome. O seu latim é simples, sem ornatos, empolamentos ou formas hipérbolicas, o que garante sinceridade e segurança na informação.

Parece que terá acompanhado Odorico um tal de James of Ireland, sacerdote, por confirmar, que o poderá ter acompanhado na ida para o Oriente e visitado também inúmeras ilhas da Indonésia. Dois outros frades vão também na viagem do Beato Odorico da Pordenone ao Oriente, embora não se saiba com segurança se estiveram na Indonésia: Fr. Michele da Venezia e Fr. Bernardo. Não se sabe mesmo se terão estado na viagem de ida ou de volta de Odorico ao Oriente (o regresso foi por terra). Para ambos, não se sabe se o seguiram entre a Pérsia e a China por mar e, eventualmente, o acompanharam na Indonésia, ou se estiveram com ele até à Pérsia ou depois daqui para a Europa.

A outra figura franciscana que andou pela Indonésia naquele século XIII foi o bispo Giovanni da Marignolli, legado papal, que terá estado em Sumatra, ao que tudo indica depois de Julho de 1347¹⁹. A sua estada em vários portos do actual arquipélago da Indonésia terá ocorrido na viagem de regresso da China, para onde se terá dirigido por via terrestre. Relata Marignolli que esteve uma ou duas vezes com uma rainha da ilha, de seu nome Tribhuwana, que reinou entre 1329 e 1350. Marignolli chama ao reino de *Sabá*, que muitos têm identificado com o de Majapahit, este de existência histórica concreta. Curiosamente Marignolli menciona ter encontrado alguns cristãos na região, que tudo indica serem “Nestorianos”, pelas tradições a eles ligadas e propaladas pelo bispo franciscano no seu relato²⁰.

Esta(s) visita(s) continua(m) envolta(s) em controvérsia entre os estudiosos de Marignolli e seus périplos asiáticos. Enquanto que a maior parte dos historiadores refere uma só visita, outros, como Golubovitch, tradicionalmente uma figura avisada e segura, falam em duas visitas a Sumatra²¹. Não restam dúvidas sim de que terá visitado a grande ilha. Na sua *Relatio* de viagem ao Oriente lembra também que a tal rainha – que terá visto várias vezes na(s) sua(s) estadas em Sumatra, generosamente lhe terá ofertado vários presentes. Aludiu também ao facto de existirem poucos cristãos (... *sunt enim ibi pauci Christiani*)²² nas terras de Sumatra por onde andou, mas considerava-se capaz de fazer algum bem às almas da terra²³. Estes cristãos seriam oriundos provavelmente da Índia, dos chamados “cristãos de S. Tomé”, o Apóstolo que presumivelmente terá pregado os Evangelhos no sub-continente indiano. Presumem alguns autores também que podiam ter sido convertidos pelo Beato Odorico da Pordenone²⁴. A *Crónica dos 24 Gerais*, escrita quase toda antes de 1369, alude também a essa possibilidade de que muitos desses cristãos teriam sido convertidos por Odorico. Estes missionários franciscanos que demandaram a China nos séculos XIII e XIV nunca deixaram de pregar ou baptizar nas terras por onde passavam e aportavam nas suas viagens marítimas, como relata por exemplo Montecorvino por várias vezes. Relativamente a companheiros de jornada nesta viagem pela Indonésia as informações não são tão seguras ou não existem mesmo.

Depois de Marignolli e da sua crónica de viagem, não mais se encontram vestígios de franciscanos a tocar em terras da Indonésia ou da península Malaia na Baixa Idade Média, mas

¹⁹ Cf. WIJNGAERT - *Op. cit.*, I, p. 517, nota (4). A *Relatio* da viagem de Marignolli está também publicada na *Sinica Franciscana*, t. I, pp. 514 – 560. Alguns autores apontam a data de 1338, como GILLMAN e KLIMKEIT – *Op. cit.*, p. 312.

²⁰ GILLMAN e KLIMKEIT – *Op. cit.*, p. 312.

²¹ WIJNGAERT - *Op. cit.*, I, p. 517; GOLUBOVITCH - *Op. cit.*, III, 293.

²² Cf. WIJNGAERT - I, 531; GOLUBOVITCH - IV, 274.

²³ *Ibidem*.

²⁴ MEERSMAN – *The Franciscans in the Indonesian Archipelago*, p. 20.

provavelmente terão andado mais filhos de S. Francisco por aquelas paragens²⁵. Não deixaram foi relatos das suas viagens ou dos seus itinerários. No entanto, as viagens de todos estes missionários na Baixa Idade Média, e de acordo com os seus relatos de viagem, ajuda-nos a delinear uma rota marítima relativamente definida e que já seria usada por Persas e comerciantes muçulmanos desde antes do ano 1000. Os mais destemidos e aventureiros atravessariam directamente por mar de Ceilão até Takkola, os outros fariam uma navegação à vista da costa, contornando o golfo de Bengala por Mergui e Pegu na Birmânia, depois, se não atravessassem o istmo de Kra de Takkola para Pak Phanang, na Tailândia meridional, seguiriam por Kalang, Kedah e Kuala Terengannu, na costa oeste da Malásia, ou, se seguissem por Sumatra, Lambri, Samudra, Peurelak, Malaca (na Malásia), Jambi, Telangaipa e Palembang. Depois chegariam a Java, onde era frequente visitarem Jakarta, Tubon, Surabaya e a ilha de Madura; daqui, se não fossem por Bornéu (ou para os que não iam a Java), seguiam pela costa leste da Tailândia até à sua antiga capital, Ayutthaya, de onde rumavam a Tonquim (actual Vietname), pelo delta do Mekong, depois para a ilha de Hainan e a seguir, por Cantão ou Zaitun, para o coração da China, fosse para Khanbaliq, fosse para Loyang ou Chang´an. Em todos estes locais provavelmente terão encontrado Árabes, Persas ou Indianos, e entre estes dois últimos povos, alguns cristãos, isoladamente ou em pequenas comunidades²⁶. Também se encontravam Arménios, estes todos cristãos, Monofisitas (crença em uma só natureza em Cristo, a divina, e não a humana). Entre os Persas, achar-se-iam Nestorianos (naturezas separadas de Cristo), e entre os Árabes alguns cristãos de rito Siríaco (e entre estes Jacobitas, que estariam em número razoável no Sudeste Asiático ao longo da Idade Média), como em Malabar entre os Indianos, ainda que o número de fiéis não fosse grande ou até constante, com um carácter de itinerância relativamente acentuado²⁷. Esses teriam servido de apoio ou facilitado a presença os missionários cristãos dos séculos XIII e XIV, que os teriam procurado, eventualmente.

A presença destes comerciantes teria um fundamento religioso, principalmente para os Persas, que gozavam de grande reputação no comércio de pérolas e gemas, recordando a parábola de Mateus 13,45-46²⁸. O grande preço das pérolas estimado por Jesus na parábola suscitava entre os cristãos de rito Siríaco um interesse e uma demanda tão grandes como a do *Graal* no Ocidente. Se este foi usado como cálice na Última Ceia, a Pérola teria sido um bocado de miolo do pão usado naquela refeição. Assim acreditavam aqueles mercadores, que procuravam as pérolas e pedras preciosas do Sudeste Asiático²⁹. Por exemplo, a reforçar a presença destes comerciantes Persas, Siríacos e Arménios no Sudeste Asiático surge a descrição de Tomé Pires das nações que encontrou em Malaca aquando da sua primeira visita à cidade, em que incluiu “gentes” de Ormuz, *Parsees* (Pérsia) e cristãos Arménios³⁰. Ao contrário aliás do que fizera c. 1510 Ludovico de Vartema, italiano, aquando da sua visita a Malaca, em que não refere a existência de estrangeiros cristãos na cidade³¹. Todavia, Tomé Pires desconfiava do cristianismo dos Persas e dos mercadores de Ormuz, não em termos de religião e espiritualidade mas sim se o professavam.

²⁵ MEERSMAN – *Op. cit.*, p. 21.

²⁶ GILLMAN, Ian; KLIMKEIT, Hans-Joachim – *Christians in Asia before 1500*, p. 308.

²⁷ GILLMAN e KLIMKEIT – *Op. cit.*, pp. 308-310.

²⁸ *O tesouro e a pérola*: “O Reino de Deus é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola”.

²⁹ Esta demanda de pérolas pelos Persas é muitas vezes repetida na literatura Chinesa do período Tang. GILLMAN, KLIMKEIT – *op. cit.*, p. 352, nota (5) do cap. XI.

³⁰ Cf. CORTESÃO, A. (trad. & ed.) – *The Suma Oriental of Tomé Pires. An Account of the East, from the Red Sea to Japan [...], and the book of Francisco Rodrigues [...]*, 2 vols., Londres, 1944, vol. 2, p. 268.

³¹ Vartema conhecia a má reputação dos guias cristãos dos barcos que demandavam a Insulíndia, pelo que poderá ter evitado mencioná-los no seu relato de viagem. BRACCIOLINI, P. e VARTEMA, L. de – *Travellers in Disguise. Narration of Eastern Travel*. Trad. inglesa de J. W. Jones, revista, com introd. de L. D. Hammond, Cambridge (Mass., EUA), 1963, p. 184.

As sucessivas visitas dos Franciscanos que acompanhámos comprova a existência de contactos entre a Europa medieval e o Sudeste Asiático, frágeis e sem continuidade, ao sabor de ousadias e aventuras, em viagens de regresso da China por mar e, acima de tudo, com base nas referências e eventuais auxílios que constituíam as comunidades ou actividades isoladas de mercadores cristãos da Ásia ocidental e da Índia na região. Sem estes, aqueles Franciscanos e todos os outros frades que anonimamente deambularam pela Insulíndia e pelo Índico Oriental, não teriam conseguido concretizar os seus périplos ou conhecer minimamente as regiões por onde andaram. Os seus relatos esclarecem a existência de mercadores cristãos que viajavam e comerciavam por todo o Sudeste Asiático, da Índia à Birmânia, pela Tailândia, Malásia, Sumatra e Molucas, fossem Nestorianos ou fossem Jacobitas, Malabares, Persas ou Arménios, como eram os que cruzavam o mar da China Meridional entre Cantão, Formosa ou Hainan e Java ou Birmânia³². Antes de 1500 quantos seriam, quantas comunidades organizaram, onde estariam estabelecidos e qual o seu raio de acção? Estas e outras questões merecem investigação mais demorada, como a que já se consegue encontrar para idênticas interrogações em relação a regiões como Malaca ou Pegu, Majapahit, Ayutthayah ou Barus em Sumatra. Depois, segue-se essa história muito mais conhecida e exornada com a conquista de Malaca em 1511 pelos Portugueses e a sua chegada às Molucas em 1512. Como é que eles conheceram as riquezas e potencialidades dessas regiões, como é que lá chegaram com tanta segurança e rapidez? Não só os relatos medievais, de Franciscanos como de seculares, mas também as lendas e os mitos, como de forma mais concreta a existência de pilotos cristãos no Índico concorreram, de certo, para levar novos aventureiros europeus a esses lugares orientais em que permaneciam alguns cristãos tão pouco conhecidos como pior estudados.

³² GILLMAN e KLIMKEIT – *Op. cit.*, p. 313.